

# ADEGA VISITA AO LUGAR DA TRAGÉDIA

## CARTA ABERTA A INTELLECTUAIS FRÍVOLOS E CIENTISTAS IRRESPONSÁVEIS

Adela Figueroa Panisse\*



Membros da Directiva de ADEGA com representantes da Associação Quercus e da Associação de moradores de Casal de São Simão.

O 22 e 23 de julho, ADEGA visitou a zona zero da grande desgraça de Portugal. Do grande Incêndio. Nada pode haver comparável com o horror das chamas a rodear o todo. A envolver o mundo. O ar e a Terra. Nada que possa devolver a vida as mais de 64 pessoas entrapadas na sua armadilha. Na trampa mortal. Essa gente tem nomes. Tinha nomes. Eu não os conheço, mas recuso-me a tratar deles por números. Eles/as amaram, abraçaram, desejaram, correram, brincaram e pagavam ao banco, como fazemos nós cada dia. Não eram culpados. Como não o são as vítimas da guerra.

Eu trato este drama de guerra. Uma guerra entre a economia que procura o lucro pronto, fácil e universal e a gente do comum. As pessoas que são utilizadas para cederem seu terrenos ante uma plantação única. Que vai ser facilitada pelas empresas madeireiras e de pasta de papel. O lucro pode ser pouco para os indivíduos, mas é algo que fazer com aquel terreno que já não trabalham. Por serem velhos. Por viver longe, ou por ter perdido os interesses que o mundo da agricultura trazia. A maioria das pessoas, na Europa Ocidental, mora nas cidades. Herdam aquela terra de seus avôs e ficam gratas por receberem alguns euros por cada corta de eucaliptos. Turnos de corta cada vez mais ajustados. Diziam-nos em Castanheira de Pêra, em Figueiró dos Vinhos, em Pedrogão, que estes turnos estavam agora nos sete anos. As árvores queimadas que nós vimos eram delgadas, fraquinhas, direitas para o céu e muito altas. O lume que prendeu nelas foi logo para acima, e fez as folhas e a cortiça saírem disparadas como bombas. Estas bombas não caem de aviões de guerra, são disparadas desde a terra, como mísseis que logo prendem nas massas cerradas de eucaliptos de redor.

Vimos hectares e hectares de massas dessa nefasta monocultura, em pé. De menos de 30 cm de diâmetro, descascadas, desfolhadas na sua maioria. Mas ainda em pé. E como a natureza é um milagre, já começando a rebentar com novas folhas. Tudo ao seu redor ficara morto.

Os animais do bosque, desde o ar até o subsolo: pássaros, mamíferos e vermes. Tudo o que faz a terra rica, diversa e viva para continuar o caminho da evolução biológica. O pouco que sobrevive baixo um eucaliptal! Porque as massas de eucaliptos, ainda antes de arder, já são letais para a maioria dos seres vivos. Isso é um fato comprovado pelos cientistas. Mas nem era necessário seu contributo docto. Basta ver, ouvir e andar por entre as massas de eucaliptais para termos saudade do canto de pássaros, para votar de menos o voar dos insectos, para lembrar como estranho o correr de alguma limalha.

As árvores nem são más nem boas. O que é errado é o manejo que delas podem fazer os seres humanos. Na Galiza estamos numa situação parecida a de Portugal.

Quer na Galiza ou Portugal o eucalipto é a espécie mais abundante entre as massas florestais. Neste país o último inventário (2013) regista 812.000 Ha (o 22% da superfície florestal). Na Galiza o inventário de 1998 dava um montante de 174.210 Ha e na atualidade está nas 390.000 Ha de massas puras, é dizer, mais do 29% da superfície arborizada galega.

Mas estes são dados frios, para discutir entre quem cobra do eucalipto, e defende a todo custo as suas plantações sem limites, e quem pretende que não se instale a sua monocultura como única opção para a terra.

Os dados quentes são os milheiros de hectares ardidas cada ano. Os brigadistas morridos no salvamento dos incêndios, a perda de vidas e de biodiversidade, o aceleramento do câmbio climático o empobrecimento da terra. Os dados quentes são a criança abrasada em braços de seu pai dentro de um carro com os vidros fundidos pelas altas temperaturas. Os dados quentes são o grupo de bombeiros voluntários que, queimado seu caminhão, deitaram-se sobre as pessoas para as



Na zona zero, no cumieiro entre Figueiró de Vinhos e Castanheira de Pêra, onde o fogo reavivou, com José Paez, engenheiro florestal que colabora com os moradores de Casal de São Simão.

ampararem com o seu corpo e seus trajes antifogo. Os dados quentes são as populações em desamparo porque todas as estradas por onde fugir eram caminhos de fogo mortal.

Os dados quentes são as terras queimadas que irão cair até os rios ou as rias para acabarem seu percurso mortal invadindo de cinzas as águas. As cinzas são ricas em sódio, que forma soda cáustica em contacto com a água, rebaixando o seu PH e provocando fortes alterações no ambiente mortais para a maioria de peixes, mariscos e bicheira dos meios aquáticos.

Depois de termos visto o de Portugal e concluir que isso poderia ter sido igual na Galiza há que se definir. Não valem frívolas lucubrações acerca de maneios de dados para fazerem com eles malabarismos. É a realidade, sempre teimosa, a que se impõe. Há que acabar com esta política florestal!

Aparecem iniciativas vizinhais valiosas, como as de Casal de São Simão. São movimentos cívicos que devem ser apoiados. Pretendem um trabalho comum de eliminação de eucaliptos a volta da aldeia numa franja de 500 metros, e mais: Um bom caminho corta lumes com lugar para virarem os caminhões e, ainda, charcas no alto, recolhendo as águas da chuva, que vão manter o terreno húmido e disponibilizar irão de água para eventualidades de incêndios. Pretendem preservar e repovoar com as espécies próprias da zona: sobreiras, medronheiros (êrvedos) que nascem lá espontaneamente. Restituir os habitats que a sucessão ecológica criara durante centos de anos, gerando riqueza no lugar que possa atrair novos moradores.



Reunião com o presidente da Câmara de Castanheira de Pêra, Fernando José Pires Lopes, a carom da terra queimada.



As massas de sobreiras cortaram o avanço do fogo.

Acolheram-nos na sua casa com todo afeto e carinho para explicar-nos seus planos. O povo é que se está a mobilizar de maneira calma e civilizada. Esta iniciativa é seguida também pela aldeia vizinha de Ferreira, muito mais afetada pelo grande fogo que Casal. E irá se estender a outros lugares como exemplo de boas práticas cidadãs.

ADEGA apoia esta ação de defesa contra o lume. Esta iniciativa voluntária e generosa de trabalho comunitário. Junto com a Associação Quercus de Portugal tentamos preparar atividades em comum de apoio a vizinhança sempre que eles quiserem e solicitem ajuda. No maximo respeito as iniciativas nascidas da base do povo. Estas iniciativas têm o valor de estourar nas caras da classe política para que estas tomem conta do valor do comum e preparem leis estritas de ordenamento das florestas e do território. Mas as leis não chegam. Têm de serem cumpridas.

Na Galiza existem muitas limitações a plantar eucaliptos. Mas ficam no papel. ADEGA tem feito, mais de trezentas denúncias desde 2016 sobre plantações ilegais de eucaliptos e só uma mínima parte foi atendida e obrigado a levantar as árvores.

Cúmplices são a Confederacion Hidrografica, que mira para outro lado e põe mínimas multas sem qualquer perigo para os infratores; a Xunta, que ordena arquivar as denúncias, os guardas florestais que não cumprem com o seu papel e deixam fazer, etc. Toda uma estrutura corrompida que colabora para que o bem comum da terra seja apenas para uns poucos poderosos, grandes indústrias que mandam mais que os governos eleitos pelo povo. Os catedráticos de Universidade que fazem florituras com dados manipulados e procuram o favor de quem lhes paga são cúmplices também. Não queira a "providência" que uma desgraça como esta lhes caia na consciência. Poderão viver com ela?

Nós definimo-nos por uma política florestal diversa. Polo aproveitamento integral do Monte e do Bosque, pela diversificação de culturas e pelo cumprimento da LEI.

As massas de eucaliptos devem ser eliminadas nesse contínuo perigoso e agressivo que têm na atualidade. A política tem de ser global e social.

Recuperemos os nossos bosques: diversos e adaptados ao ambiente local. Eles fizeram de corta fogos, já nos grandes incêndios de 2006 e mostraram outra vez esse valor protector no grande incêndio de Portugal.

\*Adela Figueroa Panisse ex-presidenta e membro da Directiva de ADEGA.